



CARLOS CORTES, PRESIDENTE DA SECÇÃO REGIONAL DO CENTRO DA ORDEM

# Médicos querem e podem ajudar a melhorar a Saúde

“Se Coimbra quer manter a posição de destaque na saúde vai ter que investir muito mais nos recursos humanos que tem”, alerta o presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, dando conta de que se está a atravessar “uma fase muito complexa, com muitas fragilidades, que tem a ver com a fusão de vários hospitais - onde se inclui o CHUC -, com aspectos a correr mal”.

Para o médico Carlos Cortes, “Coimbra tem condições para



ter um patamar de qualidade muito importante na saúde, mas vai ter de se esforçar muito para ser considerada a capital da saúde do país”. Conforme refere,

**Carlos Cortes:**  
“Os médicos não são figurantes na saúde”

Ordem dos Médicos pode e quer ajudar neste desígnio, nomeadamente no que diz respeito à exigência da qualidade”, mas convoca para este esforço, em primeira linha, os conselhos de administração das unidades hospitalares, a ARS e, sobretudo, o Ministério da Saúde.

“A fusão de hospitais até pode ser uma coisa muito interessante, porque vai ajudar a congregar sinergias, vai criar centros de excelência, vai juntar pessoas, dinamizar equipas, vai haver troca de saberes e de conhecimento, e isso é importante” - sustenta, para evidenciar que, em Coimbra, “a fusão de serviços foi mal preparada, partindo apenas do pressuposto económico e financeiro

Segundo Carlos Cortes, “o motivo da fusão não foi aumentar a qualidade dos cuidados de saúde, mas poupar dinheiro”. Entende que esta seja uma “razão legítima”, mas pensa que a manutenção dos patamares de qualidade na saúde “foram um pouco esquecidos e não foram acautelados, assim como os aspectos de formação - e isso é grave -, porque é um dos aspectos dos hospitais”.

Para o presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, o Serviço Nacional de Saúde (SNS) “está em colapso, há um sub-financiamento evidente, muito mais grave do que possa parecer através dos órgãos de comunicação social”. “Os hospitais entram em ruptura de medicamentos, de dispositivos médicos, em ruptura de reagentes, e chega a haver tempos de cirurgia que são perdidos por falta de material, às vezes com uma coisa tão simples como uma bata esterilizada”.

“Há um grande estrangulamento nos hospitais e eu considero, sem dúvidas nenhuma, que quem consegue neste momento manter o SNS como o conhecemos, o nível de qualidade adequado dos serviços das unidades

## Coimbra estava habituada a passividade

“Coimbra estava habituada a uma Ordem dos Médicos muito mais passiva e até houve um colega meu, numa das tertúlias que organizámos, que transmitiu a imagem de uma estrutura asséptica, no passado”, refere o presidente da Secção Regional do Centro, para dar conta de que essa maneira de estar “mudou substancialmente”.

“Não somos figurantes neste panorama da saúde e a Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos assume-se como um agente pro-activo e interveniente, que pressiona o poder decisor para que haja uma acção positiva sobre a saúde”, afirma Carlos Cortes.

“Os médicos querem o melhor para o doente, mas se neste momento não o podem dar - porque o país não tem capacidade para isso -, seremos intransigentes para que tenham o mais adequado e não abdicaremos para que isso esteja disponível”, refere o clínico, garantindo que “será sempre incansável quando perceber que as unidades de saúde não estão a possibilitar aos doentes aquilo que devem dar”.

Segundo Carlos Cortes, “os médicos têm sentido de responsabilidade, de cidadania, têm a noção de que deve haver alguma moderação e contenção, fazendo diariamente um esforço nesse sentido”, mas, apesar disso, considera que “não há reconhecimento por parte do ministro da Saúde”, o qual “tem de se mentalizar que a grande poupança que está a conseguir fazer não é só obra dele, mas também à custa do esforço e do sacrifício dos profissionais de saúde”.

“O panorama é negro e digo-o com grande frontalidade: este ministro da Saúde está a fazer um mau trabalho, não está a servir o país em oferta de saúde e, neste momento, está a prejudicar a qualidade. Esta não se mede só em número, numa folha de E, mas, sobretudo, em ganhos de saúde e em perceber o que está a acontecer no dia-a-dia dos hospitais. E o que está a acontecer é muito feio, com dificuldade no acesso e falta de equidade no tratamento, consoante o hospital e o ponto do país”, considera o presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos.

de saúde, são os profissionais, a dedicação que dão ao seu trabalho, à sua profissão, à sua causa, nos serviços, nas consultas, nos serviços de urgência”, considera, para acrescentar que “há uma grande desmotivação e a saída de profissionais do país, dos centros de saúde e dos hospitais, situação que “é preocupante, porque a confirma-se esta tendência será o colapso do SNS”.

### Pela causa dos doentes

Segundo Carlos Cortes, “a Secção Regional do Centro da Ordem pretende de saber explicar à opinião pública qual é o papel do médico, fazer saber que esta casa não é só dos clínicos, mas também dos doentes”. “Quero que os doentes se sintam seguros, sabem que há uma Ordem dos Médicos preocupada, empenhada e actuante, em relação às unidades de saúde, públicas ou privadas”, refere.

“A minha grande preocupação é verificar se os hospitais e as clínicas privadas estão a fazer o seu trabalho de forma correcta, se estão a dar o que é adequado em termos de saúde aos doentes, e a interligá-lo não o façam”, revela.

Para este responsável, “muitas vezes entende-se que há um corporativismo médico ao falar destas questões, mas o grande objectivo do



A Secção Regional do Centro está “preocupada, empenhada e actuante para que os doentes se sintam seguros”

médico é servir o doente, aperfeiçoar-se do ponto de vista profissional, melhorar os seus conhecimentos na sua área específica, para o doente poder usufruir da melhor qualidade em saúde”.

De acordo com Carlos Cortes, “isso depende em grande parte do profissional, do exercício da Medicina, da arte médica, mas também depende muito dos recursos”. “Não estamos na Medicina como há 40 anos e hoje são necessários equipamentos, meios

de diagnóstico e de intervenção terapêutica que são caros. Também cada vez mais os medicamentos são caros, porque cada vez são mais específicos, e cada vez mais há terapias inovadoras”, acrescenta.

É desta forma que o médico aponta que “o acesso a isto tudo está, infelizmente, a ser dificultado por este Ministério da Saúde e o peso burocrático que cai sobre a despesa de determinados medicamentos, o que muito o tratamento dos doentes”.

## Há uma contestação crescente

“Talvez a melhor solução para o Ministério conseguir poupar o haver doentes”, refere, com ironia, o presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, recordando “uma frase infeliz - e não é difícil encontrá-las no secretário de Estado Leal da Costa - a pedir aos doentes para não se deslocarem aos hospitais e para tentarem tratar-se em casa”. “Como se as pessoas gostassem de estar doentes e quando o estão, em vez de procurarem tratamento nos locais próprios, nas unidades de saúde, tivessem a obrigação de ficar em casa”, replica.

Para Carlos Cortes, outra proposta “desastrosa” foi a lei das incompatibilidades dos médicos, com o Ministério a

produzir um diploma que, depois, teve de regulamentar com uma portaria “oposta ao documento que publicou”.

“Estas coisas até têm alguma piada”, comenta, mas no seu entender “estas situações só reforçam a contestação que se está a sentir”. “Há uma contestação crescente da classe médica que a Ordem sente, percebe e que vai necessariamente ter que expressar”, refere.

Recordando a greve mais participada de sempre em Portugal, realizada em Julho de 2012, que foi desencadeada pelo movimento dos Médicos Unidos, o qual dinamizou, Carlos Cortes entende que, neste momento, “ainda há condições objectivas mais gravosas do que existiam há dois anos”.

“A Ordem dos Médicos percebe isso, está atenta, e a Secção Regional do Centro, que eu lidero, não é de contemplação dos problemas, mas quer a sua resolução”, afirma o presidente desta estrutura, garantindo que, num primeiro momento, tentará resolver as situações nas vias institucionais, alertando para aquilo que está a acontecer na saúde.

No entanto, Carlos Cortes afirma que “se este primeiro tempo não for entendido pelo poder decisor, obviamente que a Ordem dos Médicos terá que utilizar outros instrumentos de alguma contestação, de alguma visibilidade pública, para fazer entender o seu ponto de vista, sempre com a meta da defesa da qualidade da Medicina”.